

**A BÍBLIA NA COMUNIDADE DE FÉ:
O PROCESSO DE INTRPRETAÇÃO NA IGREJA BRASILEIRA¹**

Samuel de Freitas Salgado²

Resumo:

Este trabalho procura realizar uma breve abordagem acerca da Bíblia e de sua natureza bem como a implicação no processo de interpretação na igreja brasileira. Tendo como objetivo propor uma interpretação que signifique um esforço em relacionar exegese e hermenêutica, mantendo um diálogo não somente com o texto, mas também com as inquietações e dilemas que permeiam nosso contexto e nossa realidade.

Palavras-chave: Bíblia, interpretação, hermenêutica, exegese, alegoria, método histórico-crítico, Igreja.

Abstract:

This paper seeks to accomplish a brief overview about the Bible and its nature as well as implications in the process of interpretation in the Brazilian church. Aiming to propose an interpretation that means an effort to relate exegesis and hermeneutics, maintaining a dialogue not only with the text, but also with the concerns and dilemmas that permeate our context and our reality.

Keywords: Bible, interpretation, hermeneutics, exegesis, allegory, historical-critical method, Church.

¹ Palestra apresentada no II curso de aperfeiçoamento para pastoras/es e líderes cristãs/ãos realizada no dia 22 de outubro de 2011 na FATEO.

² Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

1. A natureza da Bíblia e a necessidade da interpretação

A Bíblia nunca se separou do povo de onde ela surgiu. Até hoje, ela continua fazendo parte da Igreja que nela crê e nela vê expressa a sua norma da fé. A Bíblia chegou até nós, não como uma grandeza isolada, mas através da rede transmissora dessa comunidade de fé, que a considera como seu livro. Este livro não surgiu de forma mágica, fora da história. Nem suas palavras foram ditas diretamente a alguém para que as escrevesse. A revelação divina se deu por meio da experiência da vida, no cotidiano.

Na Bíblia ocorre a fusão do sobrenatural com o natural numa experiência *sui generis*. Tal pressuposto é de suma importância para uma correta interpretação bíblica.

Historicamente a igreja tem compreendido a natureza da Bíblia de maneira semelhante à sua compreensão da pessoa de Cristo, ou seja, a Bíblia é, ao mesmo tempo, humana e divina. Esta natureza dupla exige de cada um de nós a tarefa da interpretação. Porque a Bíblia é a Palavra de Deus, tem relevância eterna; fala para toda a humanidade em todas as épocas e em todas as culturas. Porque é palavra de Deus devemos escutar e obedecer. Mas porque Deus escolheu falar Sua Palavra através das palavras humanas na história, todo livro na Bíblia tem particularidade histórica, cada documento é condicionado pela linguagem, pela sua época, e pela cultura em que originalmente foi escrita. A interpretação é necessária pela tensão entre a relevância eterna e sua particularidade histórica.³ Cada pastor, professor e leigo é um intérprete bíblicos quer admita ou não.

2. O processo da interpretação

O processo de interpretação da Bíblia envolve alguns termos. São eles "interpretação", "exegese" e "hermenêutica." Infelizmente não há um uso preciso destes termos nas áreas de estudos bíblicos e teológicos. No entanto, definiremos os termos como serão utilizados neste trabalho.

³ FEE, Gordon D.; STUART Douglas. *Entendes o que lês: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo, Vida Nova, 2001, p. 17.

Interpretação:

Interpretação é o termo geral que implica ou inclui os termos exegese e hermenêutica. A interpretação é o produto final do processo exegético e hermenêutico.

Exegese:

Exegese é o fruto da investigação primária de um texto. Exegese é a busca do significado original do texto. Nessa etapa o leitor se propõe a aproximar-se o mais possível do texto como era no início. Leva em consideração questões tais como a forma, composta pela delimitação, tradução, coesão, estilo, gênero literário, lugar vivencial ou *Sitz Leben*, como também a data, autoria, pano de fundo histórico-sociológico e conteúdo. Tal etapa é necessária porquanto visto que insere o intérprete dentro de um texto que, em sua origem, está de algum modo distante no tempo e/ou no espaço. Para iniciantes nessa etapa, sugiro que se escolha uma respeitável edição bíblica provida de muitas notas e também um bom comentário. E dependam da mesma fonte.⁴

Hermenêutica⁵:

A hermenêutica assume o processo da interpretação onde termina a exegese. Ela procura apropriar-se dos elementos da investigação exegética. Busca tornar relevante o significado descoberto pela investigação exegética. Tecnicamente a hermenêutica não é o processo de apropriação; é antes o princípio no qual a apropriação é efetuada. A hermenêutica não deve ser confundida com a homilética – a ciência da aplicação através da arte da pregação daquilo que foi considerado relevante através dos princípios hermenêuticos. Quando usado em relação à Bíblia então, a hermenêutica pode ser definida como a ciência que faz os documentos bíblicos relevantes para o homem contemporâneo.⁶

⁴ BUZZETTI, Carlo. *4X1: um único trecho bíblico e vários "fazeress"*: guia prático de hermenêutica e pastoral bíblica. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 63,64.

⁵ Etimologicamente a palavra hermenêutica vem de *hermeneuo*, "interpretar", "explicar", "traduzir." No Novo Testamento o verbo é encontrado quatro vezes (Jo 1,42; 9,7; 1,38; Hb. 7,2). O substantivo *hermeneia* é encontrado duas vezes (1Cor. 12,10; 14,26). Os termos estão associados com o deus mensageiro grego, Hermes (cf. Atos 14,12).

⁶ MCGAUGHEY, Don H. The Problems of Biblical Hermeneutics. In: *Restoration Quartely*, Villanova, Restoration Quartely, vol. 5, n.4, 1961, p. 252-253.

3. Etapas da interpretação

A interpretação bíblica enfrentou grandes mudanças no decorrer dos últimos dois mil anos. Podemos identificar pelo menos três períodos na história da interpretação bíblica. No **período pré-moderno** que se estendeu desde o segundo século até a reforma, a alegoria foi o método interpretativo predominante. A hermenêutica tinha primazia sobre a exegese e foi utilizada como instrumento legitimador da tradição eclesial e da doutrina da igreja.

Por outro lado, com a chegada do **período moderno** identificado com a origem da crítica histórica foi concebido no décimo sétimo século o método histórico-crítico sendo difundido e relido durante o iluminismo do décimo oitavo século. Por conta disso, o interesse hermenêutico diminui como um resultado da ênfase histórica. A interpretação bíblica preocupou-se menos com a relevância do texto para o mundo contemporâneo (hermenêutica) e mais em entender o significado do texto em seu contexto original (exegese). A pesquisa bíblica mudou-se de um contexto eclesiástico para o contexto acadêmico.

Finalmente no **período pós-moderno**, sobretudo aqui no Brasil predomina uma interpretação bíblica fundamentalista, a qual enfatiza as questões de cunho teológico em detrimento das questões de cunho sociais. A igreja brasileira, de modo geral, interpreta a Bíblia e seus textos com um pressuposto de fé e religião. Este seria o de que fé e religião dizem respeito somente ao interior e ao coração das pessoas, à sua parte espiritual. A Bíblia deve servir apenas como alimento para as almas e para dar descanso ao coração. Dentro dessa perspectiva o valor de Deus e da religião praticamente se limitaram ao cunho pessoal e individual.

Tal abordagem teológico-ideológica desvinculada da realidade social, econômica e política dita a maneira de ser e de interpretar a Bíblia em inúmeras comunidades cristãs brasileiras até hoje. As igrejas evangélicas herdaram a forma de interpretar as escrituras das denominações de origem dos missionários norte-americanos e pouco esforço foi feito para atualizá-la, revitalizá-la e contextualizá-la a fim de que dê resposta as inquietações e dilemas que fazem parte da nossa própria realidade.

Os intérpretes e pregadores brasileiros, com raras exceções, desde a implantação das igrejas evangélicas no Brasil até o dia de hoje, infelizmente apenas reproduziram em seus

púlpitos e em seus livros as antigas tradições e modelos interpretativos, com pouca ou até mesmo nenhuma reflexão crítica. Eles não levaram em conta o fato de que até mesmo o leitor de uma Bíblia latina já está envolvido num processo interpretativo visto que a escolha de termos numa tradução já é uma forma de interpretação. Seja qual for a tradução bíblica empregada, que para muitos é o ponto de partida, é, na realidade, o resultado final de um longo processo interpretativo.

Tal problemática até aqui levantada nos remete a necessidade de uma reflexão mais crítica em relação a interpretação bíblica que praticamos atualmente e aponte novos horizontes para a leitura bíblica dentro de nossas igrejas que conserve a genuína palavra de Deus libertando-nos de quaisquer amarras que promovam uma leitura simplista, intimista, individualizante e meramente espiritualizante. Uma leitura encarnada e libertadora que lance nova luz sobre o Deus da Bíblia e resgate o engajamento da igreja nas questões políticas, sociais, econômicas tão negligenciadas atualmente.

4. Uma proposta interpretativa

A interpretação bíblica que proponho deve, antes de tudo, ter um caráter sociológico, partindo do pressuposto de que Deus não se encontra fora da realidade humana, antes deseja ser participante dela e ser percebido a partir de suas dores e alegrias desesperos e esperanças. Uma interpretação bíblica que não abdique das questões teológicas, mas que também inclua a dimensão social, contribuindo, dessa forma, para a encarnação da palavra de Deus na medida em que sirva de mediação para desencadear processos de justiça e solidariedade, ou seja, na medida em que favoreça a conversão e a mudança de hábitos e práticas sociais.⁷

Para o intérprete contemporâneo brasileiro quer seja pastor, professor, ou leigo, a interpretação bíblica deve implicar num relacionamento entre exegese e hermenêutica em que se trave um diálogo não somente com o texto e a “a visão de mundo bíblica”, mas também com os anseios e dores daqueles considerados nosso próximo. Pode significar antes de tudo

⁷ WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. In: *Mosaicos da Bíblia*, vol.12, 1993, p. 10-12.

solidarizar-se com as suas dores, pois quando a palavra se fez carne, ela inevitavelmente encarnou-se na forma de sofrimento humano.⁸

Como intérpretes bíblicos precisamos nos empenhar num grande esforço hermenêutico. A distância histórica que nos separa dos relatos bíblicos bem como os nossos condicionamentos culturais, religiosos e ideológicos torna necessário uma interpretação criteriosa e aprofundada.

Por um lado, os nossos condicionamentos e pré-compreensões escondem o perigo de não darmos a devida atenção ao que os textos realmente desejam dizer, mas antes ouvirmos apenas o que gostaríamos de ouvir. O texto bíblico, portanto, corre o perigo de ficar totalmente preso aos interesses dos intérpretes. Nesse caso, a contribuição do método exegético desempenhará um papel crítico em relação às diversas abordagens acerca dos escritos bíblicos. Sua função principal será a de aclarar o sentido que tinha o relato para o local, a época e as comunidades em que foi formulado originalmente e permitir que transpareça a intenção original do escrito.⁹ Por outro lado, ao atribuir ênfase demasiada na intenção do autor ou redator como sendo este o único sentido, corre-se o risco de “enclausurar” no passado a mensagem bíblica. A despeito da importância imprescindível da exegese na tarefa de interpretação, tal abordagem mostra-se parcial.¹⁰

Não há nenhum procedimento exegético capaz de captar todo o potencial de significado. O texto se encontra separado de seu autor e destinatários originais. Isto implica na impossibilidade de uma interpretação definitiva do que o escrito realmente significou. No entanto, tal limitação, por sua vez, abre as portas para que o relato, como uma entidade metafórica, apresente abertura potencial para muitos significados possíveis. Neste caso, nos aproximamos do texto com nossos valores, ideologias e perspectivas que enriquecem os potenciais de significados. As brechas que tornam o relato indeterminado são os lugares que projetamos nossos valores e mundo para dentro do escrito bíblico. Entre nós leitores e o texto existe um diálogo ou até mesmo uma simbiose, a qual possibilita novos significados e novas

⁸ PARSONS, Mikeal C. Making Sense of What We Read. In: *Southwestern Journal of Theology*, Fort Worth, Southwestern Baptist Theological Seminary, vol. 35, n.3, 1993, p. 20.

⁹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulus, 1998, p. 11-13.

¹⁰ CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo, Sinodal, 1986, p. 14.

matizes ao relato. Esta aproximação será importante para compreensão do relato bíblico em nosso contexto, de maneira que a leitura passe a ser pertinente a novos horizontes interpretativos.¹¹

Portanto, a interpretação deverá representar também nossas inquietações e nossos desafios. Ela, como afirma Schwantes, abrirá uma perspectiva a partir da qual olharemos para o escrito bíblico e em direção da qual desejaremos que as passagens bíblicas nos conduzam.¹²

Para o intérprete contemporâneo, sejam pastores, professores, ou qualquer pessoa que vive a realidade brasileira no mundo pós-moderno, a interpretação bíblica deve significar um esforço para relacionar exegese e hermenêutica, mantendo um diálogo não somente com o texto, mas também com as inquietações e dilemas que permeiam nosso contexto e nossa realidade. Visto que, como já falamos anteriormente, a interpretação bíblica na maioria de nossas igrejas baseia-se até hoje numa herança hermenêutica fundamentalista norte-americana, elaborada em outro contexto cultural e por grupos sociais predominantemente brancos, masculinos, classe média com interesses alheios a nossa realidade, é necessário que haja um empenho hermenêutico a fim de resgatar uma leitura bíblica que nos auxilie em nossos dias a perceber a presença viva de Deus, do seu sonho de vida e esperança, de paz e solidariedade, ou seja, uma interpretação bíblica à brasileira moldada pela nossa cultura e capaz de oferecer respostas mais criativas, desafiante e libertadora, tanto na esfera individual, quanto na comunitária e social. Uma interpretação bíblica que não leve em conta somente os pressupostos de fé e religião, os quais dizem respeito somente ao interior e ao coração das pessoas ou questões que procuram salvaguardar uma herança protestante ortodoxa em detrimento da condição humana. Antes seja capaz de aquecer a esperança e impulsionar a uma vivência plena, integrada e transformadora na sociedade que fortaleça a espiritualidade e a postura profética de denúncia contra toda e qualquer ideologia que legitime a morte, injustiça, alienação, exclusão e hipocrisia. Contribuindo para o entendimento do escrito bíblico em nosso próprio contexto e para a noção de que Deus não se encontra fora da nossa realidade humana, antes deseja ser participante dela e ser percebido a partir de suas dores e alegrias deseseros e esperanças. Tal pressuposto corroborará o conceito de uma hermenêutica

¹¹ LÓPEZ, Ediberto. Entre duas margens: o processo hermenêutico. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Vozes, n. 53, 2006/1, p. 13-14. Veja também ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

¹² Veja DA SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo, Paulinas, 2000, p.7.

encarnada e libertadora na medida em que servirá de mediação para desencadear processos de justiça e solidariedade, ou seja, na medida em que a interpretação bíblica favoreça a conversão, a mudança de hábitos e práticas sociais.¹³

Presumo que a principal chave hermenêutica para a interpretação bíblica na igreja contemporânea brasileira deve centrar-se na preocupação com as questões sociais tendo como paradigma a pessoa de Jesus Cristo. O critério central que Jesus nos fornece é a defesa da vida. Defesa da vida em qualquer situação em que ela se encontre oprimida ou diminuída, seja na doença, na exclusão, na pobreza, na própria morte. A interpretação bíblica na igreja deve contribuir para um maior engajamento dos cristãos na causa de Cristo, capacitando-os a serem ativos participantes e proclamadores do projeto divino.

5. O papel da Igreja como intérprete

A obra de Lucas, em dois volumes, o Evangelho e os Atos dos Apóstolos é um bom exemplo dessa proposta de interpretação bíblica. O próprio fato de Lucas conecta a narrativa da comunidade primitiva à narrativa da vida de Jesus, mostrando que um dos principais objetivos era manifestar o relacionamento entre a postura de Jesus e a postura da igreja. A ênfase de Lucas sobre o caráter profético do ministério de Jesus, como também a sua confrontação com temas da justiça, nos fornece o subsídio que corrobora uma concepção de uma interpretação mais social dos textos bíblicos. A palavra de salvação de Deus, encarnada em Jesus, seria levada até os confins da terra na missão da comunidade. Este anúncio de salvação para todos encontra sua ratificação nas proporções, que derrubam fronteiras, do ministério de Jesus, conforme é apresentado por Lucas. A força da obra de Jesus pode ser sentida na dramática cena inaugural em Nazaré, em Lucas 4,16-30, especialmente **Lucas 4:18-19** ¹⁸ *O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos,* ¹⁹ *e apregoar o ano aceitável do Senhor.* Ela designa os que estão na periferia –os pobres, os cativos, os cegos, os oprimidos- como recebedores do ministério de Jesus Cristo. Neste evangelho Jesus auxilia e partilha companheirismo de mesa com cobradores de impostos e pecadores (Lc 5,27-32; 15,1-2). Salieta também a associação

¹³ SALGADO, Samuel de Freitas. Culto e bíblia: promovedores do encontro entre Deus e seu povo. In: *Revista Caminhando*, S. Bernardo do Campo, Editeo/Umesp, vol.16, n. 1, 2011, p. 29-39.

de Jesus com mulheres – cruzamento ousado da barreira religiosa na sociedade patriarcal do seu tempo. O Jesus de Lucas está aberto a estranhos, tais como “o centurião gentio” (7,1-10) e os samaritanos (Lc 9,52-55; 10,30-37; 17,11-19). Jesus estende sua mão aos leprosos (Lc 5,12-15), e a solicitude pelos pobres é tema central da sua pregação (Lc 16,19-31; 18,18-27). Lucas urge a sua comunidade a fazer a mesma ligação, colocando a narrativa do ministério de Jesus na mesma linha que a narrativa dos esforços da comunidade.¹⁴

O livro de Atos destaca que a palavra e o ministério de Jesus, o qual chegou ao seu ponto culminante com a sua morte, em Jerusalém, ressurreição e retorno triunfante ao Pai continuaria sendo proclamada e executada através da direção do Cristo ressuscitado e pelo poder do Espírito na própria história da comunidade. Caberia, agora, a igreja, sobretudo a tarefa da proclamação da palavra de salvação encarnada em Jesus Cristo. Tal tarefa exigiria a interpretação. A passagem encontrada em Atos 8,27-39 sublinha bem esta afirmativa. Nela é possível perceber o papel da igreja de Cristo como intérprete da Escritura. Além disso, fornece princípios que pode servir como modelo a ser seguido a fim de que a interpretação bíblica e a proclamação da palavra de Deus se tornem eficazes para nossa própria geração. O texto relata as seguintes palavras.

Atos 8:27-39 ²⁷ *Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém,* ²⁸ *estava de volta e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías.* ²⁹ *Então, disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o.* ³⁰ *Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías e perguntou: Compreendes o que vens lendo?* ³¹ *Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar? E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele.* ³² *Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta: Foi levado como ovelha ao matadouro; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abriu a boca.* ³³ *Na sua humilhação, lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada.* ³⁴ *Então, o eunuco disse a Filipe: Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?* ³⁵ *Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus.* ³⁶ *Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis aqui água; que impede*

¹⁴ SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. *Os fundamentos bíblicos da missão*. São Paulo, Paulinas, 1987, p. 347-357.

que seja eu batizado? ³⁷ *Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.* ³⁸ *Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco.* ³⁹ *Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo.*

Neste relato, Filipe foi instruído a deixar Samaria repentinamente e ir ao Sul no deserto. Ali ele encontra um oficial da corte de Candace, rainha da Etiópia. O oficial “eunuco” estava lendo sem entender os escritos do profeta Isaías. Sob a orientação do Espírito, Filipe supera as barreiras sociais, aproxima-se do carro, caminha ao lado do eunuco e procura manter um diálogo com ele. Havia inúmeras barreiras entre Filipe e o eunuco que uma pessoa menos resoluta poderia ter usado como desculpa para não manter um diálogo. Havia diferenças raciais (grego/Etíope), diferenças religiosas (judeu/gentio), diferenças vocacionais (evangelista/ funcionário do governo), diferenças sócio-econômicas (pobre/rico), diferenças físicas. O autor de Atos tenta fazer transparecer a idéia de que leitura e o entendimento da Escritura não são a mesma coisa, especialmente para aquele que não têm a chave hermenêutica correta. A interpretação correta dependia de uma hermenêutica correta. O eunuco admite a sua necessidade. Neste relato, Deus na sua misericórdia não forneceu apenas o texto, mas também o intérprete.

A chave hermenêutica aplicada por Filipe forneceu resposta as questões levantadas pelo eunuco levando-o a assumir um compromisso autêntico com a causa de Cristo. A conversão do etíope demonstra o caráter inclusivo da palavra de Deus. Nenhum obstáculo aparente- quer seja, diferença social, limitação física, raça ou distância geográfica - pode colocar uma pessoa fora do alcance do chamado das boas novas.¹⁵

Eis, então, algumas sugestões apresentadas pelo texto para que a Bíblia seja interpretada de forma mais eficaz e agradável na igreja contemporânea.

¹⁵ LARKIN, William J.; BRISCOE, D. Stuart; ROBINSON, Haddon W. *Acts*. The IVP New Testament Commentary Series, vol. 5. Downers, InterVarsity Press, 1995, p.

1. Seja sensível a voz do Espírito. Gaste algum tempo na meditação e na oração;
2. Informe-se acerca das inquietações e as necessidades humanas. Aproxime-se, caminhe ao lado e pergunte;
3. Esmere-se no conhecimento bíblico. Estude de forma sistemática e regular a Bíblia a fim de compreender o sentido original do texto;
4. Opte por uma hermenêutica que contribua para a superação de crises sociais;
5. Aplique uma chave hermenêutica baseada em Cristo e que vá de encontro aos anseios e necessidades da comunidade na qual sua igreja está inserida.

Assim a interpretação bíblica contribuirá para que a palavra de Deus se encarne em nossa geração através da proclamação do evangelho prático que ultrapassa fronteiras e promove um maior engajamento dos cristãos na causa de Cristo, capacitando-os a serem ativos participantes e proclamadores do projeto divino de vida para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUZZETTI, Carlo. *4X1: um único trecho bíblico e vários "fazeres"*: guia prático de hermenêutica e pastoral bíblica. São Paulo, Paulinas, 1997.
- CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo, Sinodal, 1986.
- DA SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo, Paulinas, 2000.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- FEE, Gordon D.; STUART Douglas. *Entendes o que lê: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo, Vida Nova, 2001.
- LARKIN, William J.; BRISCOE, D. Stuart; ROBINSON, Haddon W. *Acts*. The IVP New Testament Commentary Series, vol. 5. Downers, InterVarsity Press, 1995.
- LÓPEZ, Ediberto. Entre duas margens: o processo hermenêutico. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Vozes, n. 53, 2006/1.
- MCGAUGHEY, Don H. The Problems of Biblical Hermeneutics. In: *Restoration Quartely*, Villanova, Restoration Quartely, vol. 5, n.4, 1961.
- PARSONS, Mikeal C. Making Sense of What We Read. In: *Southwestern Journal of Theology*, Fort Worth, Southwestern Baptist Theological Seminary, vol. 35, n.3, 1993.
- SALGADO, Samuel de Freitas. Culto e bíblia: promovedores do encontro entre Deus e seu povo. In: *Revista Caminhando*, S. Bernardo do Campo, Editeo/Umesp, vol.16, n. 1, 2011.
- SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. *Os fundamentos bíblicos da missão*. São Paulo, Paulinas, 1987.
- WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. In: *Mosaicos da Bíblia*, vol.12, 1993.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulus, 1998.